

...SOBRE OS TRAJES DO MINHO E OS DA GALIZA*

Por MARIA EMÍLIA SENA DE VASCONCELOS**

Não é fácil às vezes abordar certos assuntos em muito pouco tempo, mormente quando são constituídos principalmente por pequenos pormenores a citar e não por grandes linhas. Mas a minha prosa muito simples tende a ser, apenas, como que uma chamada de atenção, como que a proposta de um estudo comum a fazer, porventura interessante, e não infelizmente a comunicação de conclusões conseguidas. Será curto, pois...

*

A começar, vale talvez a pena repetir, pela milésima vez embora, que a província portuguesa do Minho e a província da Galiza, a despeito da fronteira geográfica constante do rio são absolutamente afins.

São irmãs na paisagem e na luz. No tipo dos habitantes de ambas, na sua forma de sentir, no seu catolicismo arreigado, no seu amor à música, a cantar, a bailar. Talvez a norte do rio Minho os temperamentos sejam expansivos, - tal como a vivíssima “muiñera” é mais agitada que o mais agitado dos vizinhos “viras”. (E já D. José Maria de Castroviejo, um erudito apaixonado da terra galega, recomendava até aos tristes, como terapêutica, que para minorar o seu mal fossem ver dançar – ou dançassem mesmo, caso possível – uma “muiñera” local!). Talvez a sul do rio Minho se seja mais...reservado. Mas os vários filhos de qualquer família não possuem geralmente um temperamento igual... sem que isso exclua, no fundo de cada um, o traço da raiz comum!

* Comunicação no Colóquio Galaico-Minhoto de Compostela, em Abril de 1984.

** Escritora vianense

De resto, penso que a maior “reserva” do minhoto lhe advém mais de um certo acanhamento, de uma certa timidez natural, que de secura ou frieza...

Igual, ainda, nas duas províncias, é o pendor do povo trabalhador e empreendedor para a emigração, tal como a saudade que um dia impõe o regresso ao berço natal. E o lirismo paralelo com que evocam, por exemplo, o campanário amigo da aldeia – distante ou perto. Um anónimo vate popular, singelamente, refere-o assim, numa quadra portuguesa: “O sino da minha terra / Repicou quando nasci / E hoje dobra porque morro / Por não mais saber de ti...”

Outro vate galego, também anónimo, murmura por sua vez: “Campana grande de coiro / De noite, ponte a tocar / Son tan grandes miñas penas / Que xa non caben no mar!”

Alinha de resto com estes um poeta que “teve nome” no começo deste século¹ e era outro grande admirador da Galiza, Melchor de Palau: “La campana de mi pueblo / Si me quiere deveras / Se alegre cunado naci / Y llorará cuando muera.”

Com este, concorda igualmente a nossa gente: “Temos no sino um amigo / conosco vive e sossobra. / Quando nascemos, repica, / - e quando morremos, dobra:”

O fatalismo, o sentido do “nunca mais”, é idêntico, na mesma, dos dois lados. Diz-nos o mesmo poeta seguidamente: “Rio arriba, rio arriba / Nunca el água correrá / Que en el mundo rio abajo / Rio abajo todo va!”² E afirma outro minhoto desconhecido, noutra quadra cantarolada: “A conta dos nossos dias / é como a água corrente, / Que tudo o que o rio leva / Não torna mais à nascente”.

*

Com esta identidade de tradições, com esta afinidade de sentimentos, não é pois de espantar que o traje da mulher minhota e o traje da mulher galega das

¹ Quando muito nova, minha mãe conheceu Melchor de Palau nas então muito elegantes termas de Mondariz. Esta quadra está escrita no livro de autógrafos que, com todas as meninas da época, possuía.

² Esta Segunda quadra do poeta foi bastante popularizada em Viana por um grupo musical galego que na cidade apareceu em Agosto de 19....., durante a romaria da Senhora da Agonia.

margens ribeirinhas ou das restantes terras fronteiriças, votadas a tarefas semelhantes nos campos, de cada lado, se aparentassem. E que o mesmo se desse com os respectivos trajes de festa, sujeitos a recursos do mesmo tipo no comércio das duas províncias. Tanto mais que a convivência entre elas era frequente. Nas devotas celebrações, como a da Peregrina, em Pontevedra, a da Senhora da Agonia, em Viana, e tantas outras, franqueava-se até, a todos, a passagem da fronteira...

Noto porém que a despeito da variedade e beleza dos “luxos” das minhotas, elas colheram dos “luxos” das galegas, com o tempo, alguns pormenores; que depressa passaram a constituir até característica própria desta ou daquela freguesia nossa – entre as raianas, em geral.

O traje mais isento dessa influência é por certo o chamado “fato à lavradeira”, de Viana. Obviamente por se achar, de princípio, mais afastado daqueles contactos; depois porque derivou decerto de um sucessivo enriquecimento das primitivas e rudes peças artesanais executadas no tear caseiro. Menos utilizado há muito, segundo cuida, em Espanha.

(Não é aliás assim tão simples seguir essa evolução, por escassez de documentos – desenhos ou gravuras – ou de descrições escritas sobre o assunto...)³.

Cerca de 1870, porém, e nos seguintes vinte anos, aproximadamente, e porventura tentadas pelos “figurinos franceses” das morgadas e fidalgas do lugar, passam as mulheres a usar, nas mordomias, fatos em tecido preto, com casaquinha cintada, de aba sobre as ancas – fendida de cada lado ou descaída atrás. E longa saia rodada, até ao peito do pé, com barra de veludo. E um amplo avental de veludo, com listas de galão lustroso, em baixo, e renda ou folho no bordo (o avental continuava embora tudo a marcar o nível social de “mulher do povo” – o que era importante, na altura...).

³ Nem todos têm a sorte de certo simpático etnógrafo espanhol que me disse, no primeiro dia destes Colóquios, Ter deparado em certa paróquia com um muito antigo registo do “Dirêto de trapo”, ou seja do espólio de roupas herdado de várias pessoas com a perfeita descrição da forma, do tecido, do uso de cada peça...

O material necessário para esta indumentária – dispendiosa – era geralmente conseguido nos vendedores das feiras, já bem providos de retalhos no género.

A possível influência galega surge talvez aqui quando começam a salpicá-la os vidrilhos negros. Primeiro, nas zonas ribeirinhas ou montanhosas; depois em mais vasta periferia. Primeiro em ligeiro recamo; depois em largas iniciais, - em motivos mais ricos.

Vinham normalmente estes vidrilhos negros nas remessas dos contrabandistas galegos aos contrabandistas portugueses, por via fluvial ou terrestre. Sei de uma família de certa freguesia de Arcos de Valdeves que – como outras – vivera do contrabando, de geração em geração. Profissão exercida aliás, a despeito dos ricos, com a maior naturalidade, como se de qualquer lícito ofício se tratasse. Só lamentavam que o peso dos fardos a carregar até aos burros, em que depois seguiam, a muitos “aleijasse”, - em muitos provocasse “ínguas” e “quebraduras” para sempre...

Nesses fardos achavam-se pois, além de perfumarias, panos e sedas “da França” (que já outra fronteira teriam consequentemente transposto assim...) e outros artigos, os tais vidrilhos de Espanha (mas que as “senhoras da cidade” chamavam igualmente “vidrilhos franceses”). Destes ficava então um lote na região, para os ditos “luxos” femininos da família e das famílias amigas, como para os “luxos” femininos galegos serviam, do lado oposto!⁴

*

Junto da foz do Lima e no seu arredor também os “fatos ricos” eram talhados em bons retalhos de tecido preto, como o armure, (que já não se encontra no comércio...) e enfeitados com outros retalhos de galões ou de cetim (finamente pregueado); utilizando-se para abotoar as casacas e os coletes (de trespasse) botões de metal recortado ou prensado.

⁴ Tudo isto soube por uma empregada que tive em Lisboa, - óptima rapariga! – que pertencia a uma família que do contrabando vivia em certa freguesia dos Arcos. Até ser operada em Lisboa, aos 19 anos, uma estranha doença de olhos tornava essa jovem absolutamente cega durante o dia; no escuro, de noite, via, porém. E tão bem que já aos 11 ou 12 anos, a troco de uns escudos, levava à fronteira pelas veredas dos montes (que, como os seus, conhecia palmo a palmo), os homens que então pretendiam emigrar “de salto” (indocumentados).

Mas aqui os bordados que iluminavam o preto do conjunto (cor adoptada para as galas, até cerca de Vila da Feira) eram executados em “continhas de Luar”, miúdas, de tom cinza-azulado, rijas e brilhantes (que já não se consegue igualmente). Vinham quase sempre da Alemanha, nos navios que para lá haviam transportando madeira ou vinhos. – Eram lindas... e caras. Acaso um ou outro saquito com algumas teria subido o Lima no regresso dos longos barcos de fundo chato que, a vau, das regiões “de cima” traziam a Viana produtos hortícolas ou artesanais... A maioria dos fatos daquela região era porém, repito, enfeitada com o vidrilho negro de Espanha.

Ao qual, curiosamente, se mantinham fiéis as mulheres galegas, - não escasseando embora o litoral da província portos com tráfego intenso para o norte europeu. Não achei “continhas de luar” em nenhuma peça do seu vestuário observada por mim... Seria também o motivo da economia que o explicava, como na nossa raia?

Passada a mocidade, usados estes fatos na mordomia e no dia da boda, eles recolhiam ao fundo dos velhos baús... até ao passamento das donas; que determinavam às vezes serem enterradas envergando-os. Assim tantos desapareceram. Outros foram destruídos pela humidade e pelas traças; já que, passada a moda que os vinculara, as raparigas desprezaram-nos. Crismaram-nos de “fatos de velhas” – e preferiram outros. Foram as “meninas da cidade”, muito mais tarde, que tornaram a pôr os que restavam, a título evocativo. E então, “pela mesma razão” as raparigas do campo imitaram-nas... fervorosamente!

*

Na enumeração, ao acaso da observação, das “infiltrações” galegas, figura a da preferência dada ao uso do sapato fechado, de tacão moderado, contra o da chinela de cabedal ou verniz, nas velhas freguesias de Monção ou Valença. Onde igualmente a saia, mesmo em dias recuados, era já bem mais curta que no resto da região, conforme o que também se verificava na margem de lá... Além disto em Taião, freguesia do concelho de Valença, colocava-se verticalmente

sobre a trança do cabelo, enrolada alta, atrás, um pequeno pente a soerguer o pequeno véu branco da cabeça, à maneira das grandes “peinetas” das damas espanholas...

E ainda, em todo este debrum minhoto do país, em aventais ou saias relativamente remotos, vejo o emprego de lantejoulas pretas. Não as confundo com qualquer outro vidrilho arredondado: são lantejoulas, de facto, em material leve, mais baço talvez. A lantejoula que avulta no nosso campo era, dantes, em aço (e também já dessas não há hoje). Não raro oxidava, e enferrujava, com o tempo. Maior ou menor, até nalguns “lencinhos de amor” dos Arcos, em linho bordado a ponto de cruz vermelho (ou vermelho e preto), com recorte nos bordos, - aparecia. Mas a lantejoula negra, não. Só ali, e em Espanha, a vi.

*

O que em todos os concelhos minhotos constituía por sua vez motivo de vaidade e despique, como complemento do traje (quer no litoral quer no interior) era a meia, laboriosamente arrendada, feita à mão, em fina (ou menos fina) linha branca, com as curvas agulhas de ferro. E a mulher galega apreciava igualmente o requinte de trabalho, nas meias.

A certa altura, no entanto, ou porque na zona fronteira a Caminha escasseassem boas obreiras, ou porque preferissem a arte das dessa vila, era aqui que da Galiza as encomendavam. – Comércio talvez esquecido hoje, já que nunca foi evidentemente copioso nem oficial, mas que ainda por 185...(?) existia.

Laborava então ali, na Quinta da Cabana, a fábrica de cerâmica dos Xavier⁵, fundada em 1820; com produção comum, rusticamente florida, marcada com um X e, na sua quase totalidade, exportada para Espanha. Nesta fábrica, entre o demais pessoal, trabalhou o “Mestre de Covas”, João Fernandes Serra, casado

⁵ Família de prestígio local, a ela se ficou também a dever a primeira carreira transportadora por via fluvial, a “Companhia Despertadora”, fundada em Abril de 1854, com o barco “Rio Minho”, que ia até Valença. Família que de resto já se evidenciara quando das Invasões Francesas, atrevendo-se a organizar um movimento contra a marcha de Soult, - e quando da Patuleia, na devassa de D. Miguel, pela sua fama de “liberais militantes”. Refugiando-se alguns dos seus membros na Galiza dali foram porém devolvidos às masmorras de Cascais. Outros, detidos noutros pontos, pagaram logo com a vida as suas opiniões.

com Quitéria da Assunção, e assim chamado por ser daquela aldeia. Ora duas muito idosas senhoras da vila, que ainda conheci quando muito nova,⁶ lembravam-se de ouvir contar em sua casa que aquela Quitéria, tal como as mulheres de outros operários, acrescentavam bastante dinheiro ao que os maridos ganhavam fazendo todas, nas horas vagas, “meias ricas” para “a banda de lá”. Lembravam-se até essas informadoras de certa quadra que corria entre aquelas, a desmentir o velho rifão “de Espanha nem bom vento nem bom casamento”: - “Ó vento que vens de Espanha / Já não te rogamos Pragas. / Que lá nos comprem as meias / Que lá as pagam bem pagas!”⁷.

E sempre, com as remessas de louça, várias dúzias de pares atravessavam o Minho. Constou, parece, que as queriam antes “para irem nos navios” (para Veneza onde foram “moda”) com as que, afinal, nunca tinham deixado de fazer ali também. – O certo é que mesmo apesar do severo cordão sanitário espanhol contra a epidemia de cólera aqui surgida seguidamente, em 1855, ainda algum barquito, em noite sem lua, vinha das povoações fronteiriças à margem de cá buscar várias compras habituais – entre as quais as meias de agulha!!⁸

⁶ D. Maria e D. Cristina, sobrinhas do antigo lente de Coimbra dr. Luciano Pereira da Silva.

⁷ Há poucos anos na “Feira da Ladra” de Lisboa (equivalente modesto do “Rastro” da Praça Maior de Madrid, do “Marché aux puces” da Paris, da “Portobello Road” de Londres...) conheci por mero acaso outro visitante que era, afinal, um descendente ainda do Mestre de Covas da Fábrica dos Xavier (cit. Em “Cerâmica Portuguesa” de J. Queiroz, vol. II, pág. 240). Como, para mais, entre os ascendentes do meu marido figuram esses Xavier. Logo passamos a falar deles e de Caminha... Mas da produção de meias pelas velhas mulheres do sítio, vi que nada sabia já.

⁸ Um dos Xavier de Caminha casou em 1845 com a irmã dos Barbosa e Silva, de Viana, amigos de Camilo Castelo Branco, - os “langraves” da vila, ao tempo, segundo diz Rocha Martins ao biografar aquele escritor. Vítima da tísica veio esse Xavier a morrer no seu convento de S. Salvador de Ganfei, ao pé de Valença e frente a Tui. Aí o acompanhava Luís Barbosa e Silva, seu cunhado. E é através deste também tio-bisavô de meu marido) que tenho o relato impressionante das providências tomadas na margem galega quando do surto epidémico de 1855, que os colheu ali. Cada noite, por exemplo, ao longo dela havia uma ininterrupta cadeia de fogueiras para evitar os “miasmas” porventura levados por aragem de cá...

*

Foi-me dado ver há tempos um curioso traje feminino de festa, proveniente de Ginzo de Limia, na região de Orense: todo preto, com a saia e o avental vidrilhados a negro, e com as mangas da camisa de linho emergindo de uma pequena capa cruzada no peito, enriquecida com veludo e atada atrás, na cinta. Sobre a testa da sua dona uniam-se as pontas de um lenço de seda amarelada cujas muito longas franjas lhe pendiam sobre a cara (nisto diferiam as galegas das minhotas: as primeiras, em geral, desciam monasticamente o lenço na frente; as segundas colocavam-no bastante subido, três a quatro dedos acima da implantação do cabelo, - quer juntando as suas pontas no alto, quer dando com elas um nó sobre a ponta de trás, depois de com elas envolver ou não o pescoço).

Completando o traje que descrevo, descansava num dos braços da mulher, bem dobrado, o longo “mantéu” em pano preto, também vidrilhado, a lançar sobre o lenço de seda da cabeça. Calçava, enfim, meias brancas lavradas, de agulha, e sapatos fechados.

Em Portugal, semelhando o mantéu, quando posto, há apenas a “capucha” negra, pesada, das Castrejas, destinada porém ao quotidiano, para protegê-las do frio, no inverno (ou também do sol demasiado ardente, no verão, segundo uma delas esclareceu). Ou as demais capuchas, de tecido rude, do Soajo, do Barroso, das serras beirãs. Sem qualquer adorno...

O que algumas mulheres trazem aqui no braço (como as antigas noivas de Ponte de Lima) é apenas um xaile, de fina lã ou seda, franjado, e também cuidadosamente dobrado.

Em contrapartida a capinha vidrilhada, com veludos, como a do fato de Ginzo, como a do próximo litoral galego, sobre a saia rubra, - no conjunto tão divulgado pelo postal ilustrado e pelos itinerantes grupos folclóricos mais ou menos credenciados, - aparece não raro na nossa província. Semelhante, por acaso ou não, no corte, no traçado, na altura, nos salpicos luminosos. Vemo-la em S. Miguel de Entre-os-Rios, na Barca... no Vale do Cávado, perto de Braga (aqui, ao invés de Espanha, é quase sempre vermelha, sobre saia preta). Situam-se de resto estes dois pontos na “corda dos montes” percorrida pela caravana do

contrabando, que o transportava pois até Braga, e mesmo além... Teria, com ele, penetrado aqui o modelo? Ou a sua inspiração?⁹

Quanto à casaquinha cintada e de aba das mordomias de Viana, antes mencionada, – quer naquela região montanhosa quer na margem lusitana do Minho ela surge diversa: mais solta, quase sem aba ou mesmo sem aba... rasando a cinta... à maneira da faleca ou do bolero de além-fronteira. (No Douro, aliás, é frequente adotarem-na também deste tipo...).

*

Assim como da Galiza, abertamente, trouxeram a si as romarias portuguesas, no ocaso do passado século, os “Gigantones” e os “Cabeçudos” (dizem-me que, “in illo tempore” os Gigantones, figurando os Reis Católicos, dançavam, até, no interior da catedral compostelana...); assim como, abertamente, trouxeram a si um dia as romarias portuguesas as gaitas de foles (ou “gaitas galegas”) que animam o povo a par dos “zabumbas”, quantos mais pormenores também nos trajes, ricos ou não, das duas províncias estarão hoje confundidos, para além dos que aqui foram agora a florados tão superficialmente, – sem nisso atentarmos sequer?! Haveria que estudá-los...

Esperando que uma mais séria e frutuosa conversa sobre o assunto se trave algures, em breve, só me resta entretanto agradecer o espaço que aqui me deram de momento, para a pequena exposição que alinhavei...

⁹ Em Monção usava-se uma longa capa sobre o fato. Delas raras subsistem. E ainda há pouco uma foi a enterrar, com a dona. A bem da etnografia tudo se tentou para evitá-lo, junto da família: em vão.